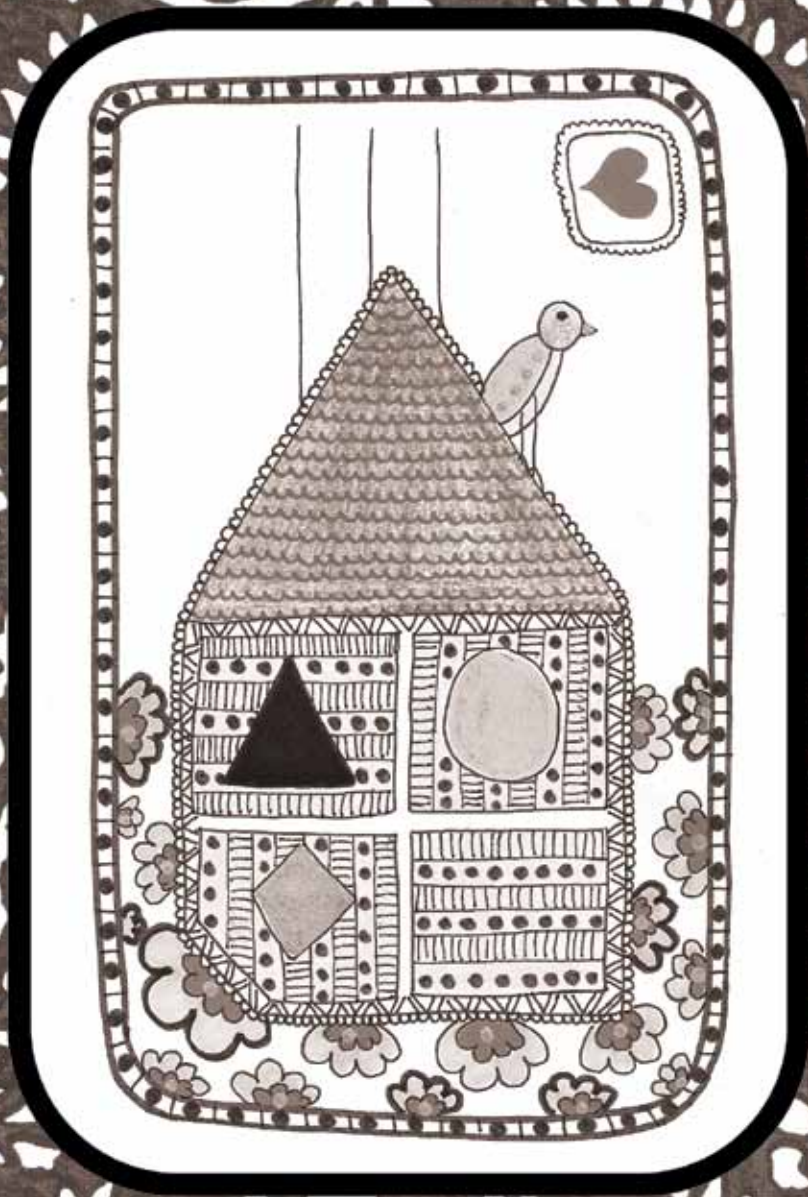


- LEONOR MEXIA -

NÓS, NAS PALAVRAS

editame

PEDAÇOS DE MIM



- Capítulo I -

Pedaços de mim

- Conversa ao jantar -

— Ó mãe, era tão bom se pudéssemos voar. Sabe o que é que eu fazia? Ia para fora da terra olhar para ela, como no google earth. Ia até aos planetas.

— E trazia-me um anel, de Saturno?

— Sim, claro, daqueles coloridos, que os anéis de Saturno são feitos de rochas geladas e parecem brilhantes, porque reflectem a luz do sol...

— Eu queria ir ao Brasil.

— Ahh, então despache-se que já ouço o avião...

— Ó mãe...

— Também posso ir?

— Claro, mãe, e se ficarmos cansadas, dormimos nos braços do Cristo Rei.

— E o pai, se pudesse voar, onde é que ia?

— Ia até à Escócia, verde, verde...

— Levas-me contigo?

— Então não ias ao Brasil?

— E a mãe, onde é que ia?

— Eu? Arranjava um farnel para os quatro, capa da chuva e guarda-sol e íamos ver se é verdade que as nuvens são feitas de algodão e que servem de almofada para Jesus descansar...

— Quem levanta a mesa?

— Eu não, levantei ao almoço...

- Enxoval -

Chegou o Outono...

Lavei as toalhas de praia, ainda encontrei uma série de búzios e pedrinhas com cheiro a mar, arrumei os cestos, preni fotografias alegres e de cores fortes no quadro de cortiça e ainda fechei os olhos para me sentir embalar numa onda salgada e tão fria...

Passei cera aos móveis, soltando-se aquele cheirinho a casa das tias velhas, pus brilho no chão e lembrei-me de um instrumento que havia lá em casa que tinha umas rodas grandes que giravam desencontradas e que puxava o lustro às tábuas corridas.

Também havia outro auxiliar de limpeza — uma sabrina — que era o parente pobre do aspirador, não tinha corrente eléctrica, mas agora as sabrinhas são os sapatos da moda...

Areei as poucas pratas — em casa dos meus avós era um dia inteiro só para as pratas e havia criadagem de farda, cabelo preso e luvas. Agora há um líquido maravilhoso que não suja as mãos e que substitui o algodão, o jornal e a criada.

Fui buscar uma mantinha à arca, que as noites já são frescas e a idade começa a pesar, e fiquei sentada, a viajar no tempo com cheiro a alfazema.

Gosto muito da minha arca do enxoval. Gosto do conceito de arca do enxoval.

Até pensei que a minha filha está grandinha e não tem arca, nem sequer tem enxoval...

O meu é maravilhoso... Lençóis de linho com letras bordadas a ponto cruz, tão perfeito que até o posso pôr do avesso, lençóis com flores, sem flores, com folhas, com cruzinhas, rendilhados, bordados a ponto grilhão, ponto cheio, pé de flor e outros de que não sei o nome.

Toalhas de mesa quadradas, redondas, ovais, brancas, azuis, com bainha aberta, com relevo, sem relevo.

Napperons vários, para o cesto do pão, para o tabuleiro do café (sim, porque a minha mãe ensinou-me que nunca se põe um tabuleiro sem pano), paninhos com divisórias para aperitivos, para os copos, de todas as formas e tamanhos imaginários.

Adoro o meu enxoval apesar de não usar metade, não porque não queira, que as coisas são para lhes dar uso, mas... Não tenho tempo de passar lençóis de linho, que só ficam bonitos se forem bem passados, nem de lavar à mão as toalhas de mesa; os *napperons* quase já não têm utilidade, mas adoro o meu enxoval.

Lembro-me da minha mãe o bordar, lembro-me de a minha avó mo dar, lembro-me de as minhas tias mo darem a escolher, levando-me ao quarto das cómodas com cheiro a naftalina.

Também gosto das coisas novas e práticas que fui comprando, das colchas das camas dos miúdos com cores fortes que quase não precisam de ser passadas a ferro, dos lençóis com elástico que prendem bem à cama, das toalhas de mesa engraçadas e modernas.

Mas sabe-me bem de vez em quando pôr um lençol com as minhas iniciais, pôr uma bonita toalha de mesa bordada com o pano do tabuleiro a condizer.

Só sei fazer ponto cruz. Não faço renda nem croché, muito menos ponto cheio ou bainha aberta, por isso os meus filhos, na arca do enxoval, vão ter as minhas coisas, que chegam bem para todos e vão ter mimo, recordações maravilhosas, atenção, estaladas, gargalhadas e choros, dias alegres e tristes, porque a arca do enxoval tem a nossa história, dos nossos pais e avós, da nossa infância. É por isso que eu gosto tanto da minha...

- Aquele cheirinho -

Nos fins de tarde dourados de Outono, o meu pai ia buscar o carro branco e íamos com mais uma dúzia de amigos comprar castanhas ao senhor que estava na rotunda do Castelo do Queijo, numa mota que deitava fumo com cheiro a alegria. Não que o caminho fosse longo, mas o meu pai adorava o carro branco, adorava castanhas e o cheiro ficou para sempre dentro de mim.

A minha mãe preparava o cesto de verga, a manta escocesa, os talheres e pratos dos acampamentos e lá íamos nós. Parávamos num pinhal para fazer o piquenique. Havia bolinhos de arroz, ovos cozidos e melão. Havia harmonia e paz.

E lá continuávamos, no carro largo, cor de canela. Lá nos arrumávamos, sem cintos, o que tornava tudo mais fácil. Estava sempre muito calor. O cheiro desenhava-se agora em forma de uns biscoitos maravilhosos que só havia em casa da minha avó. Começávamos a sentir o aroma da serra, com as suas curvas, e surgia a discussão. Um tinha que ir à janela, senão enjoava. Dois disputavam a outra janela e o bom do irmão do meio, lá ficava espremido entre eles e apanhava o estalo que voava da frente. Eu tinha a sorte de ser pequenina e de ir à frente, ao colo da minha mãe e hoje sinto falta do seu cheiro.

O eucalipto da terra da avó, as rabanadas do Natal, a erva-doce do foliar...

É incrível como os cheiros da nossa infância nos fazem voltar a ela tantos anos depois...

- Partilha -

Porque é que a palavra “partilha” no singular é tão bonita e no plural e em família tão feia?

- Partilhas -

Quando eu morrer partilhem o meu sorriso e as minhas recordações.

Avaliem a tristeza e a alegria.

Façam lotes das saudades, das lágrimas e das angústias.

Sorteiem momentos, histórias e gargalhadas.

Dividam ideias, planos e desejos.

Quero que se lembrem de mim pelo que fui, e não pelo que tive.

- Amigo Deus -

Fazem-me bem estas nossas conversas em que Te trato por Tu...

- Ser irmão -

Tenho a graça imensa de ser a última de cinco irmãos.

Procuro e descubro em cada um semelhanças profundas e diferenças abismais. No olhar, no estar e no sentir. No falar, no rir e no calar.

Vejo as minhas feições noutra cara, as minhas angústias noutros olhos. Compreendo o silêncio e prevejo o sorriso.

Somos os cinco únicos. Na nossa relação com cada um, na nossa relação entre todos.

Há um(a) que fala muito alto, com ecos e estardalhaços e outro que nem se lhe ouve a voz...

Há um idealista e sonhador e outro prático e objectivo.

Somos só cinco e uns são pessimistas, conformados, outros alegres, optimistas, exuberantes, há os discretos, serenos, confiantes. Também temos os simpáticos, faladores, tímidos, rebeldes, teimosos. E, sem dúvida, os ternurentos, carinhosos, atenciosos, meigos e queridos.

Não estamos sempre juntos.

Não concordamos em tudo.

Não gostamos das mesmas coisas.

Não educamos da mesma maneira.

Mas temos uma ligação única e indestrutível. Genuína e inexplicável. Temos em comum uns pais admiráveis e agora temo-nos uns aos outros.

São os meus irmãos. São os melhores.

Cinco em um.

“Quem vai agora iniciar a leitura de *Nós, nas palavras* deve ser avisado de que este não é um livro qualquer.

(...)

São reflexões tocantes, e que revelam um agradecimento grande pelas boas memórias. *Nós, nas palavras* é uma agradável paragem na nossa corrida diária para meditar, para rezar, para agradecer.”

- do prefácio de João Anacoreta Correia -

*

- Nós, que somos felizes, temos que mostrar a todos que a vida é muito mais do que aquilo que se vê...
- Já adulta percebi que ter maturidade é isso mesmo, é gostar dos outros com os seus defeitos e apreciar as suas qualidades.
- Aqui o grão mais pequeno transforma-se na maior árvore, porque as coisas simples são as mais bonitas.
- Deus pôs-me à prova para toda a vida.
Quem sou eu para O decepcionar?



PARTE DOS DIREITOS
DE AUTOR REVERTEM
A FAVOR DOS “BEBÉS
DE S. JOÃO”